



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaetê: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTAGROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/ NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria GERALDA DE ALMEIDA: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **carla beatriz santos menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMÔNIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): **Janaína Mourão Freire**).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)

RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Rizzo**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideo - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMÓRIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA (autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): **Sandra Rangel de Souza**)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



Los lugares de Memoria, un abordaje desde tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia

Resumen

El propósito de esta contribución es presentar tres organizaciones de carácter público y privado ubicadas en Santiago de Chile y en la ciudad de Medellín-Colombia como estudios de caso para un análisis comparado entre estas experiencias a partir de la categoría de *lugar de memoria*.

Dicho análisis consta de dos momentos: a) breve contexto geográfico e histórico de los espacios haciendo referencia a las circunstancias particulares en los que surgen cada uno de ellos y las actividades que hoy realizan; b) una lectura de cada caso partiendo de los usos que se le dan hoy al espacio, buscando encontrar los puntos de conexión entre estos y la noción de *lugar de memoria*.

Este abordaje busca responder a la pregunta por la posibilidad de pensar la categoría *lugar de memoria* ampliada a las experiencias de la memoria cultural que se construye a partir de las relaciones de uso y sentido que los sujetos otorgan al espacio físico.

Resumo

O propósito desta contribuição é apresentar três organizações de carácter público e privado localizadas em Santiago de Chile e na cidade de Medellín-Colômbia como estudos de caso para uma análise comparada entre estas experiências a partir da categoria de lugar de memória.

Dito análise consta de dois momentos: a) breve contexto geográfico e histórico dos espaços fazendo referência às circunstâncias particulares nos que surgem a cada um deles e as actividades que hoje realizam; b) uma leitura da cada caso partindo dos usos que se lhe dão hoje ao espaço procurando encontrar os pontos de conexão entre estes e a noção de lugar de memória.

Este abordaje procura responder à pergunta pela possibilidade de pensar a categoria lugar de memória ampliada às experiências da memória cultural que se constrói a partir das relações de uso e sentido que os sujeitos outorgam ao espaço físico.

Karen Andrea Vásquez

Corporación Cultural Nuestra Gente (Medellín-Colombia)

U. Nacional de La Plata- Fac. de Humanidades y Ciencias de la Educación (Argentina)

Áreas de interés: Memoria cultural, pedagogías de la memoria, territorios periféricos.



Los estudios sobre historia reciente en América Latina cuentan con una historia particular, ya que tienen como punto de partida acontecimientos tan impactantes como las dictaduras civico-militares de países del cono sur, donde la transición a la democracia ha generado entre los investigadores de las ciencias sociales e historiadores un gran interés y un amplia producción académica al respecto.

Algunos de los debates están motivados desde las premisas del *Nunca más* y *Recordar para no repetir*, a partir de esto se han generado iniciativas de reparación y denuncia de los acontecimientos a través de museos, memoriales, asignación de fechas conmemorativas dentro de los calendarios nacionales y se le ha asignado un valor preponderante a la transmisión desde la escuela.

Este trabajo tiene como base teórica la noción de *lugar de memoria* de Pierre Nora junto con abordajes posteriores de otros investigadores y se pone a la luz de tres estudios de caso ubicados geográficamente en dos ciudades diferentes:

El parque por la Paz Villa Grimaldi en Santiago de Chile, un ex-Centro Clandestino de Detención que operó durante la dictadura de Augusto Pinochet; la Corporación Cultural Nuestra Gente en Medellín (Colombia), una ONG de carácter artístico y educativo, cuya sede se encuentra en una zona de alto conflicto armado urbano; y el Museo Cementerio San Pedro -también en Medellín-, el cementerio más antiguo de la ciudad y que hoy día es reconocido como una de las experiencias culturales más importantes del país y de América Latina.

Lugares de memoria, una aproximación.

La noción de *lugar de memoria* se asocia de manera casi que inmediata con el concepto ampliamente desarrollado por el historiador francés Pierre Nora en el texto que lleva por título *Les Lieux du Mémoire* escrito entre 1984 y 1992, completando siete volúmenes.

Nora concibió a los lugares de memoria como una forma de *cristalización de la memoria*; acontecimientos posteriores hicieron que fuera actualizando la noción, pasando de ser aquello que *cristaliza y refugia a la memoria cuando ella misma se ha perdido*, a otorgarle un carácter más amplio que incluye a aquellas unidades significativas en las que convergen elementos simbólicos que se hacen parte del patrimonio memorial.

Desarrollos posteriores han vinculado a los lugares de memoria con los estudios e



investigaciones de la memoria política o memorias nacionales de los países que han pasado por gobiernos dictatoriales, sobre todo en el cono sur de América Latina, donde la funcionalidad del lugar de memoria dentro del espacio público es la de rememorar, conmemorar y denunciar.

Quiero resaltar que parto de la idea sobre la cual las narrativas de la memoria, conformada por la imágenes que tenemos sobre el pasado y los relatos que construimos sobre ellas es lo que se realmente se activa tras los memoriales, monumentos y espacios declarados como lugares de memoria y que no es posible generar una reflexión crítica a las siguientes generaciones o a las personas que no vivieron los acontecimientos, si estos lugares siguen siendo *producidos* por políticas públicas gubernamentales y la experiencia no está vinculada a otro tipo de relato.

Por esta razón la referencia a lugar de memoria necesariamente remite a la pregunta ¿de qué hablamos?, ¿cómo lo hablamos? ¿a través de qué? Y los lugares de memoria representan en si mismos respuestas a estas preguntas a través de lo que se ha llamado *materialidad* de la memoria (Jelin 2002:54). Muchos de estos lugares se han catalogado de esta manera porque son espacios recuperados en los cuales sucedieron hechos atroces, allí se instala un monumento o el mismo lugar es adaptado para responder a una demanda específica. Otros son contruidos sobre espacios nuevos pero sin dejar de hacer referencia a los acontecimientos sobre los cuales fue inspirado.

Si bien los lugares de memoria son pensados como prácticas de construcción de la memoria social urbana, se le ha anquilosado dentro del discurso de la memoria política y pareciera que es ese ámbito el que los define y legitima. Con esto me refiero a como desde políticas gubernamentales se instalan los lugares de memoria, de arriba hacia abajo, aunque esto no significa que las memorias que circulan en ese lugar no estén en conflicto unas con otras, ya que la base de estos lugares y el debate sobre ellos reside en el testimonio como fuente fundamental.

Frente a este panorama se ha generando una reflexión que incluye a las *memorias performativas* en las cuales se hace uso de otros lenguajes para la construcción de nuevos registros, muchos de ellos apoyados en el lenguaje artístico. Schindel (2002:32) lo propone de la siguiente manera:

“Si el dolor es un momento previo al lenguaje, a la capacidad de simbolización y objetivación, es tarea de la cultura dar un marco de comprensión simbólica que imagine y





reponga el lenguaje que el dolor destruye...Nuevos y mejores dispositivos de homenaje resultarían inocuos si no se acompañan de una experiencia sensible y cotidiana del recuerdo. Acaso la memoria, antes que afincarse en espacios memoriales prefijados, viva la decisión de registrar las huellas del pasado en el paisaje urbano...”.

Teniendo en cuenta lo anterior, considero que lugares de memoria y acciones performativas no se contradicen una a la otra, sino que son complementarias y esto deriva en el problema de la representatividad.

Hernán González escribe (2010:233): “Es que no es posible pensar la representación del horror, problema que se puede traducir como la representación de lo irrepresentable, o la irrepresentación de una representación, sin proponer nociones como alegoría y paradoja.”

Lo anterior puede ponerse en diálogo con la propuesta de Aleida Assmann¹ (2004:24) sobre la memoria funcional, entendiéndola como: “...la apropiación y retransmisión a las memorias individuales a través de instituciones de canonización, educación, formación y puesta en escena pública de la cultura.”

Esto permite la transmisión oral del recuerdo de lo vivido y lo sabido entre generaciones y contribuye a generar procesos de identificación grupal.

Hago énfasis en la idea de acciones performativas como las define Allier (2008)

“En estas prácticas, que pueden llamarse “performativas”, el recuerdo no se materializa mediante la consagración de memoriales o la construcción de museos, sino que se realiza en las prácticas mismas de los actores sociales. Estas prácticas suponen modos alternativos de apropiación física y/o simbólica del espacio público y a menudo implican una renovación de los lenguajes estéticos y políticos. Allí la memoria es menos un relato apoyado en soportes diversos que un compromiso del cuerpo y un modo alerta de la conciencia; no un contenido a ser transmitido sino un acontecimiento colectivo. Son prácticas que no evocan sino que realizan, o son, ellas mismas la memoria. Como se sostienen en la participación colectiva, existen sólo en tanto existen individuos que las portan”.

En este trabajo surgen sobre las preguntas que me generan los lugares que conforman mis estudios de caso: ¿Cómo pensar estos lugares?, ¿su carga simbólica está puesta por lo que se vivió allí o por lo que se quiere transmitir? ¿tiene el horror, el miedo, el dolor una esfera de representatividad? Es decir, ¿existen unos límites de aquello que puede ser





representado y sus formas? Y especialmente para los casos de la ciudad de Medellín: ¿Caben estos espacios dentro de la categoría lugar de memoria? ¿Existe una categoría que reúna mejor lo que el lugar es en sí mismo y lo que representa?

Los Casos

Santiago de Chile

PARQUE POR LA PAZ VILLA GRIMALDI

¿Pedagogizar el horror?

Este caso específico implica necesariamente una referencia a la dictadura civico-militar en Chile, que con una duración de 17 años bajo la dirección del General Augusto Pinochet y tras un golpe de estado al gobierno del presidente Salvador Allende, aduciendo prácticas anticonstitucionales de su parte, se dio lugar a un sin número de violaciones sistemáticas a los derechos humanos desde 1973 hasta 1990.

La Dirección de Inteligencia Nacional (DINA) creada en 1973 que operó hasta 1977, era la policía secreta del gobierno de Pinochet, la cual secuestraba, torturaba y desaparecía a los opositores del gobierno o cualquiera *en actitud sospechosa*, también censuraban canales de televisión, la circulación de obras literarias, prensa escrita, programas de radio, entre otras producciones y publicaciones que consideran *subversivas*.

Durante la dictadura se registran aproximadamente unos 3.000 muertos, 28.259 víctimas de prisión, 1.209 detenidos desaparecidos, sumándose a esta cifra la cantidad de personas que fueron exiliadas del país a Europa y otros países de América Latina.

Se instaló un régimen de terror que implicaba a su vez la aplicación de distintas técnicas de tortura contra los detenidos y eran llevadas a cabo en espacios conocidos hoy como Centros Clandestinos de Detención (CCD), en Chile se han registrado unos 1.132 según informes oficiales.

El Parque por la Paz Villa Grimaldi, -ex-Centro Clandestino de Detención- funcionó desde 1973 hasta 1977, en el año 1994 fue recuperado y hasta hoy está abierto al público y realiza diversas actividades académicas y culturales para la comunidad.

Era conocido como el Cuartel Terranova, a cargo de la Dirección de Inteligencia Nacional

DINA y en cuyo establecimiento operaba la Brigada de Inteligencia Metropolitana (BIM), por el cual -según cifras oficiales- estuvieron detenidas 4.500 personas, 226 de ellas se encuentran en la lista de detenidos desaparecidos y 18 en la de *ejecutados políticos* lo que ha permitido catalogarlo como el CCD más grande de Chile. Muchos de los detenidos y detenidos-desaparecidos pertenecían a partidos de izquierda como el Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), del Partido Comunista (PC), del partido Socialista y del Movimiento de Acción Popular Unitaria (MAPU).

Dentro de la Villa Grimaldi habían salas de tortura, parrillas eléctricas, cuartos de aislamiento que medían 1x1 m. y una torre de agua, que según testimonios de los detenidos que sobrevivieron, quienes eran llevados a la torre no salían con vida.



La fuente de agua. Archivo personal

Con el fin de la dictadura y tras los intentos de ocultar cualquier prueba incriminatoria sobre lo que allí sucedía, fue demolido y hubo un intento de venta ilegal del predio para la construcción de un conjunto habitacional, pero las acciones de los habitantes del sector logran que se recupere el espacio y se construya el Parque por la Paz Villa Grimaldi, inaugurado el 24 de marzo de 1997.

La propuesta del parque está conformada por la reproducción de los espacios de tortura acompañados por unos dibujos realizados por un sobreviviente que hacen alusión a las técnicas de tortura y una maqueta del cuartel. Cuenta además con una intervención artística que construye nuevos lugares que incluyen jardines, fuentes de agua, el mural con los nombres de los desaparecidos y asesinados, un archivo de testimonios de sobrevivientes y un pequeño museo con fotografías y homenajes a las víctimas construido por los familiares.

El Parque por la Paz se ha pensado como un espacio que procura el reclamo de la



verdad, como una forma de resistencia, de demanda de justicia y de representación del pasado. Desde la dirección del lugar lo presentan como un *síto de conciencia*.

Una de sus actividades principales es la visita guiada dirigida a todo el público, con varios objetivos de carácter educativo, reflexivo, conmemorativo, informativo y de reparación a las víctimas.

Medellín-Colombia

CORPORACIÓN CULTURAL NUESTRA GENTE Y MUSEO CEMENTERIO SAN PEDRO ¿lugares de o para la memoria?

Para la ciudad de Medellín los años finales de la década del 80' significaron el comienzo de un periodo de violencia criminal que marcaría el antes y el después de la ciudad. La agudización del problema del narcotráfico asociado a la emergencia de muchas bandas criminales y el aumento considerable de acciones violentas como el sicariato, encarnado en la población juvenil -asesino a sueldo-, generó un fuerte estigma sobre la ciudad, especialmente sobre la Zona Nororiental, en la cual se ubican los dos casos de estudio siguientes.

Algunos catalogan los 80' como la *década perdida*, ya que las economías sufren un congelamiento importante afectando grandes industrias y esto derivó en una cantidad considerable de cierre de empresas, desempleo, caída de precios; situación que afectó muchos hogares de las áreas rurales y urbanas de la mayoría de los países de América Latina. La ciudad de Medellín no fue la excepción y las condiciones de precariedad de las familias contribuyó a aumentar los niveles de desigualdad y pobreza. El escenario estuvo forjándose para darle entrada al narcotráfico y la guerra que se generó a partir de ello, ya que era para muchos una fuente importante de ingresos económicos, reconocimiento y poder.

Esta década implicó que la constante y evidente falta de acceso a oportunidades sociales favoreciera el surgimiento de unas nuevas formas de relacionarse con el territorio y con los otros; por un lado las basadas en prácticas ilegales que implicaban una nueva visión sobre *el lugar*, ya no como el barrio sino como un campo de batalla que incluía *fronteras*, que para los moradores eran *invisibles* pero para quienes se disputaban el territorio eran visibles, inviolables y conquistables.



En la Zona Nororiental estas disputas por territorio no sólo se daban entre las bandas delincuenciales asociadas al narcotráfico, sino también con grupos militantes de partidos políticos, grupos guerrilleros pertenecientes a las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (FARC) o el Ejército de Liberación Nacional (ELN), y los grupos de autodefensas, conocidos como *milicianos*.

De esta manera el conflicto se agudizó en dos direcciones, *hacia adentro* de la zona por los conflictos entre los grupos armados mencionados y *hacia afuera* ya que la mayoría de las acciones delictivas (robos a bancos, atentados con explosivos contra personas, medios de comunicación o empresas, asesinatos a mano armada, entre otras) se ejecutaban en el centro o afueras de la ciudad de Medellín, llegando a ser catalogada en ese momento como la ciudad más violenta del continente.

La ciudad de Medellín y la Zona Nororiental, aún recordada y reconocida por la oleada de violencia de los años 80' y 90', con estigmas tan arraigados y legitimados como Pablo Escobar, la producción y el tráfico de drogas, el cartel de Medellín, es el escenario en el que aparecen los dos casos a tratar aquí, la Corporación Cultural Nuestra Gente y el Cementerio San Pedro, hoy Museo.

CORPORACIÓN CULTURAL NUESTRA GENTE

De burdel a Centro Cultural

Dentro de la Zona Nororiental se encuentran concentradas cuatro comunas, el segundo estudio de caso de este trabajo está ubicado geográficamente en la Comuna 2-Santa Cruz. Allí surge esta ONG en plena crisis de finales de los ochenta (1987), como una iniciativa del grupo juvenil de la parroquia del barrio que realizaban actividades culturales y recreativas desde hacía algunos años y frente a este momento de violencia se fortalecen y se conforman como organización.

La Corporación Cultural Nuestra Gente es una organización social de derecho privado e interés público, sin ánimo de lucro, de carácter cultural y comunitario, con un componente original de teatro, cuyo objetivo principal ha sido brindar un espacio en el cual el arte y la cultura contribuyan a recuperar el espacio público y la confianza entre los habitantes.

Durante 25 años, Nuestra Gente ha desarrollado procesos permanentes de formación y capacitación artística con niñas, niños, jóvenes, adultos y adultos mayores, en áreas



como el teatro de calle, de sala, títeres, danza, música, literatura, fotografía, vídeo y artes plásticas. También acompaña procesos de planeación del desarrollo sociocultural local y la comunicación comunitaria, posicionándose hoy como la organización artística comunitaria de base más fortalecida de la ciudad, alcanzando un nivel de credibilidad y confianza dentro de la comunidad y liderando procesos tan importantes como la RED Latinoamericana de Teatro en Comunidad y la Campaña Continental de la Cultura Viva Comunitaria.

Comenzó siendo una biblioteca comunitaria, ahora es un centro cultural muy potente y de alta proyección que con su labor comunitaria ha logrado transformar el imaginario y actualizar el recuerdo que sobre el espacio físico que ocupan hoy -su sede- se ha depositado.

La actual sede de Nuestra Gente es el antiguo burdel de la Zona, que antes del proceso de urbanización que tuvo en los años 60 y 70 estaba por fuera del perímetro urbano de la ciudad y constituía parte de la zona de tolerancia de Medellín, que abarcaba incluso a otras comunas como la 4-Aranjuez, donde se encuentra ubicado el tercer caso.

El director de la corporación Jorge Blandón lo relata así: *“El barrio tiene un referente cultural que ha pesado en su historia y en la de sus habitantes, ya que en sus cercanías funcionó hasta bien entrados los años setenta una zona de tolerancia conformada por cantinas y burdeles. Estos elementos representaban un símbolo cultural bien complejo: todos iban de paso, generando así un tejido social del desarraigo, del nomadismo, que impidió durante muchos años producir esa cultura de barrio donde no solamente se duerme sino que se construye vida, historia. Así, los burdeles eran los referentes reales del barrio.”*²

Copinol 2 era el nombre del burdel que es hoy sede de Nuestra Gente, sobre él se han tejido muchas historias y personajes, pero sobre todo hay una carga simbólica muy fuerte entre los habitantes del barrio, pues marcó generaciones enteras ya que era un sitio de paso prohibido para los niños y niñas, las esposas temían que sus esposos visitaran el lugar y las abuelas del barrio eran las costureras de los trajes de las prostitutas.

A finales de la década del 70' tras el asesinato de una de las prostitutas en el salón de baile dejó de funcionar y la casa quedó abandonada, luego fue dada en venta a una



fábrica de colchones que quiebra a finales de los 80', la casa permanece vacía hasta 1995.

En este periodo de tiempo la disputa por territorio era muy fuerte en el sector y había restricciones para pasar de un barrio a otro, así que el equipo de jóvenes de Nuestra Gente no tenían una sede fija hasta que compran la casa a través de un crédito.

La casa se adapta a las nuevas necesidades del grupo artístico, así las habitaciones del burdel se convierten en la biblioteca, el salón de música, danza y oficinas y el salón de baile en el escenario.



Transformaciones de la fachada. Archivo Corporación Cultural Nuestra Gente.

La guerra en este sector no se fijó de manera visible en la zona ni en la ciudad, es decir, no hay muestras de destrucción ni se han registrado técnicas de tortura o desaparición, pues la lógica del terror era otra. A pesar de esto si hay indicios evidentes de este conflicto entre los habitantes de la comuna, que se ve reflejada en las nuevas apropiaciones que se hicieron sobre el espacio, algunos barrios de mayor conflicto que otros fueron estigmatizados con mas fuerza que otros, y dentro de los mismos barrios se vetaron ciertos caminos, calles, y se generó un proceso identificador hacia los habitantes asociado al lugar de vivienda, donde cruzar de un barrio a otro era en si misma una sentencia de muerte. Algunas de estas prácticas e imaginarios permanecen.

Resalto la labor de Nuestra Gente porque sus acciones estaban dirigidas a procurar una nueva apropiación del territorio y transformarlo en *lugar*, buscando que se cargue de un sentido nuevo. Este proceso lleva 17 años, buscando que las prácticas artísticas en y para la calle le den otro sentido al barrio, que los jóvenes que no vivieron este momento de violencia se relacionen de manera diferente con el espacio y con sus vecinos, y que los adultos que fueron jóvenes en ese momento -y sobrevivieron- se reintegren a las

dinámicas barriales perdidas en ese momento. La intencionalidad está puesta sobre la idea de que el barrio es el edificio de la memoria.

Bajo esta premisa desde 1996 realizan actividades enfocadas desde el arte para la recuperación de la memoria, pero los proyectos han tomado más fuerza en los últimos 6 años, logrando acciones más concretas y de alto impacto.

Durante estos años han realizado 3 puestas en escena con los habitantes del barrio que tienen como tema central reconstruir la historia de los barrios, historia que no hace parte de un relato nacional si está documentada por nadie, sino que está conservada en la memoria de los habitantes.



Escena de la obra "Cuando llegamos eramos otros" basada en la historia del barrio centrada en la sede, antiguo Copinol 2. Archivo Corporación Cultural Nuestra Gente.

MUSEO CEMENTERIO SAN PEDRO

el escenario de los asuntos de los vivos

Construido en 1842 y nombrado en 1999 como monumento nacional, este lugar cuenta la historia de Medellín como ciudad, a través de sus imponentes mausoleos se puede realizar un acercamiento a la historia de la arquitectura, los ilustres personajes que reposan allí cuentan la historia política, económica e intelectual del país y la estética de sus tumbas y lápidas ayuda a comprender cómo el ritual de la muerte ha cambiado con el pasar de los años.

Fue el primer cementerio privado de la ciudad, fundado por las familias de clase alta, justamente los miembros de la elite comercial, política, económica e intelectual de la época. Era conocido como "el cementerio de los ricos" o "la ciudad blanca" por la gran



cantidad de mausoleos elaborados en mármol exportado de Italia. Es así como el cementerio cuenta con un estilo arquitectónico basado en la Europa del siglo XIX, en el cual resaltan las tendencias renacentistas, románticas y góticas principalmente.

En una relación con la comunidad bastante lejana pues era simplemente un espacio que prestaba un servicio, en 1996 el cementerio abre una secretaría académica y comienza a realizar actividades de carácter cultural y educativo y a partir de 2010 realizan los Talleres Arte Vivo que buscan recuperar las memorias de los visitantes al cementerio a través de las artes plásticas.

Pero ¿cómo se dio este cambio?

Algunos atribuyen este cambio a una *moda de los departamentos* que entró a la ciudad, así que muchas familias dejaron sus casonas en el centro y se desplazaron hacia la zona sur de Medellín, además durante este periodo de tiempo hasta aproximadamente los años 70' se dio un proceso migratorio importante desde el campo hacia la zona norte de la ciudad, donde se encontraba el cementerio.

Pero el momento drástico se dio en la mal llamada *década perdida* mencionada ya, los finales de la década del 80' y la primera mitad de los 90'.

El cementerio entra en una crisis financiera debido a que las elites de la ciudad ya no querían hacer uso de los servicios del cementerio por diversas razones, que incluían el recrudecimiento de la violencia en la ciudad, así que la administración del cementerio se ve obligada a prestar el servicio mortuario a familias de clase media y baja para poder mantenerse en términos financieros.

Es así como el cementerio atraviesa por un momento muy interesante y es que pasa de ser el recinto de las familias más adineradas de la ciudad e incluso del país, a ser el receptor de muchos de los muertos del sicariato de la ciudad, tanto de los integrantes de las bandas como algunos narcotraficantes de clase media, guerrilleros y las víctimas inocentes del conflicto, muchos de ellos habitantes del barrios cercanos al cementerio.

Ir al cementerio era el resultado final de los pactos violados o de fronteras cruzadas, el ritual de la muerte dio un giro muy importante en este lugar, se pasó de un ritual mortuario de luto y en silencio acompañado por las familias y allegados, al desplazamiento de una cantidad considerable de habitantes del barrio, amigos, vecinos, familiares que acompañaban el cadáver.



Las personas se desplazaban en buses de la ruta que cubría el barrio, iban al cementerio en sus ropas habituales y siempre acompañaban a su muerto con música en alto volumen, con una grabadora que reproducía sus canciones favoritas.

En algunas ocasiones integrantes de la banda contraria llegaban al cementerio a arremeter violentamente contra algún joven que asistía a la despedida de su compañero, o para asesinar a algún familiar, presentándose así un enfrentamiento armado dentro del cementerio, acompañado por el sonido de la salsa o las letras de hip hop que aun sonaba en la grabadora.



Vista panorámica del Museo Cementerio . Archivo Museo Cementerio San Pedro

Este cambio en las relaciones entre los habitantes de la ciudad y el cementerio tuvo su impacto en la administración, que se propone en 1996 generar estrategias para recuperar el cementerio como un espacio que le podía contribuir a la ciudad en la reconstrucción del tejido social que estaba tan debilitado tras la guerra del narcotráfico, se proponen ser un espacio que *valore la vida* y comienzan a pensarse en ese cambio.

En 1996 comienzan un proceso de investigación y crean un archivo fotográfico compuesto por 2.700 fotografías con las que contaban y a las cuales nunca antes les había hecho registro ni sistematización. En 1998 es el primer cementerio de América Latina en ser declarado museo, más tarde se integra a la Red Iberoamericana de Museos Patrimoniales de la región y para el año siguiente es nombrado Bien de Interés Cultural de la Nación.

Para el año 2000 el museo cuenta con un equipo de trabajo conformado por historiadores,



comunicadores sociales y artistas plásticos, encargados de realizar la programación cultural del cementerio que incluía noches de cuentería, teatro, talleres de duelo con los familiares, actividades recreativas vacacionales, exposiciones, actividades que buscaban vincular a todos los grupos de edad y habitantes de toda la ciudad.

La descripción de un periodista anónimo ilustra mejor lo que allí acontece: “El cementerio de San Pedro de Medellín, se ha convertido en un escenario más propio para los asuntos de los vivos que un remanso para el eterno descanso de los muertos. Allí es normal que la gente de serenatas, eleve cometas, tome fotos, beba aguardiente, destape fiambres, levante novia, dispare tiros, meta vicio y pare de contar...Este campo santo es lo más parecido a un barrio.”³

Los talleres Arte Vivo comienzan en el año 2006 y se ocupan específicamente de recuperar la memoria patrimonial de la ciudad a través de visitas guiadas al cementerio y recuperar las memorias propias a través de talleres manuales.

En un primer momento tenía un enfoque de acompañamiento en la elaboración del duelo para las familias, poco a poco el equipo académico del museo dio un giro al proyecto y amplió los talleres a toda la comunidad buscando una mayor proyección como un lugar que contenía en si mismo la historia de la ciudad de Medellín, pero cada uno de sus visitantes tenía también una memoria que podía ser compartida con otros y elaborada a través del arte.

Estas actividades se realizan dos veces por mes durante todo el año los días sábados y el día domingo se realiza la visita guiada, a las cuales asisten personas de toda la ciudad y que han logrado promover el diálogo y así la transmisión de saberes desde un hacer que provoca a su vez un momento formativo entre generaciones.





Taller Arte Vivo. Ciclo 1: Raíces. Los abuelos enseñaban a los niños, niñas y jóvenes a sembrar las plantas- Archivo Museo Cementerio San Pedro.

El taller está compuesto por ciclos, el primero de ellos *Raíces*, contó con tres actividades:

- Construcción del árbol genealógico
- Construcción de un portarretrato con una foto familiar o del barrio
- La siembra

Cada una de estas actividades vincula momentos de la memoria, que pasa de la memoria individual a un plano de ella inscrita a un territorio y dentro de un grupo y por último la acción de la siembra permitió el diálogo entre generaciones en la transmisión de un saber. Todas estas actividades le dan vida al cementerio, como un lugar con una carga simbólica tan fuerte y que sigue prestando sus servicios mortuorios, pero que está lleno de vida, al cual las personas que lo frecuentan le han perdido el temor, se ha resignificado como espacio de muerte, se movilizan las memorias y el espacio se convierte en el receptor de ellas.

Análisis

Luego de esta presentación quiero hacer énfasis en algunos puntos a partir de los cuales se instala el análisis; hay un elemento común a los tres lugares y radica en que hoy día su funcionalidad es otra respecto a la original, se fueron transformando durante los últimos



sesenta años y en esa última etapa implicó una ruptura en la vida cotidiana de los habitantes pues la funcionalidad espacial también cambia.

Las diferencias que quiero resaltar hacen referencia ya no al espacio físico y sus transformaciones, sino al objetivo que la organización allí instalada procura, partiendo de esto resalto que:

- Los sentidos que conservan y/o construyen son diferentes en la medida en que el primer caso (ex CCD Villa Grimaldi) está fundamentado en un relato de la memoria nacional, sobre el cual se ha generado un proceso de reconocimiento de responsabilidades y ciertos consensos -no en su totalidad-.

Mientras en los dos casos siguientes no hay un relato nacional sino local, más personal, que ha estado silenciado y a través del arte estas organizaciones han intentado resistir al conflicto. En la ciudad hasta ahora se está comenzando el proceso de *materialización de la memoria*, con la creación de la Casa Museo de la Memoria. Es importante tener en cuenta que se encuentra en conflicto armado aun está presente.

Para estos últimos casos la memoria se activa a través de las actividades que realizan y se refuerzan las identidades territoriales. Aquí se abre un interrogante sobre la naturaleza del mensaje que intenta conciliar estos otros casos, que es tema de otro trabajo.

- Las personas a las cuales se dirigen estas experiencias están enmarcadas en unas categorías diferentes, veamos:

El primer caso está inscrito sobre la dialéctica **víctima/victimario** y el testimonio de los sobrevivientes es la base de la construcción del relato; en el caso de la Corporación Cultural en Comuna 2 ese pasado violento -que hoy no está muy alejado todavía- no hace parte del presente de los **habitantes**, la experiencia de ese momento no está registrada a través de testimonios orales que aparezcan de manera espontánea, es un tema que se evade con facilidad. Lo que se entreve es una marca sobre las prácticas que se mantienen en el tiempo, donde el límite entre lo legal y lo ilegal está muy difuminado. Para el último caso aquí la población son **familiares** que han perdido a un ser querido y esta categoría está por fuera de ideas de víctimas inocentes, sicarios, narcotraficantes, el cementerio neutraliza las diferencias.

- Los usos

Este aspecto lo pienso desde dos puntos: entre quienes se da el diálogo y determinan la funcionalidad del lugar y cuales dimensiones abarcar; en el caso de Santiago de Chile la





iniciativa surge desde la comunidad y los ex-detenedos que se hace efectiva gracias a apoyos privados y públicos, la nueva funcionalidad es concertada en un diálogo entre especialistas, gobierno y comunidad. Abarca una dimensión conmemorativa, artística por la intervención que tienen el lugar y pedagógica.

En Medellín, la Corporación Cultural Nuestra Gente es una iniciativa juvenil y hoy se mantiene en actividad gracias al trabajo constante de esos jóvenes -hoy adultos- y todos los que hacen parte de los procesos. El dialogo se dio entre pares hace 25 años, jóvenes artistas habitantes del barrio y se daba en concordancia con la comunidad y sus necesidades. Se mueve sobre la dimensión artística y pedagógica principalmente.

El Museo Cementerio San Pedro establece un diálogo en si mismo -en la administración- y luego interviene a la comunidad con quien comienza a establecerlo. Su dimensión es conmemorativa en un sentido diferente a Villa Grimaldi, ya que ocupa un plano más personal que colectivo, también se mueve en una dimensión artística y pedagógica, que lo incluye hoy dentro de la agenda cultural de la ciudad.

Este último punto vinculado al del sentido me permite reflexionar sobre cada caso y pone en evidencia la relación que cada lugar tienen con la memoria, con los actores que participan y a quienes va dirigido. Esta vinculación entre uso y sentido permite entender como cada *lugar* ha concebido que es la mejor manera de inscribir el pasado en la memoria urbana.

Después de este ejercicio de análisis, saltan a la luz otros elementos que también comparten: una dimensión pedagógica fuerte que se articula a otras tres: lo estético, lo político y lo afectivo.

El caso de Villa Grimaldi opera aquí como herramienta metodológica, pues según la literatura abordada sería indiscutible que es un lugar de memoria, mientras que los demás lugares dadas sus actividades y pasados no registran una memoria traumática inmediata, más si me arriesgo a afirmar que hacen parte de la memoria cultural de las zonas geográficas donde se encuentran ubicados y que a su vez aportan desde sus acciones a la recuperación, debate y disputa de la memoria política de la ciudad. Son una evidencia de los cambios en la historia nacional y local, se hace presente una convergencia de tiempos e implementan estrategias de transmisión intergeneracional.

Considero así que bajo las características que ofrece Allier son lugares de y para la memoria porque:

- 
- Aguardan un conflicto entre memorias
 - Permiten la construcción de un relato de la memoria colectiva ya que su presencia e impacto en la comunidad refuerza elementos de la memoria individual.
 - En esta medida otorga características identitarias locales vinculadas a un territorio y a un destino común.

Es decir, ambos casos conservan en sí mismos la historia local y oficial de la ciudad de Medellín, pero a su vez están cargados de miles de historias personales de los habitantes y se han pensado como espacios para la cultura y la vida, como lugares para el aprendizaje. Generan narrativas alternativas acerca del pasado a enfrentar o conocer, del sentido del recuerdo que se tiene o que tiene otro y de la respuesta a la violencia que hoy se está dando desde ese lugar.

Cumplen con la descripción que hará Eugenia Allier de los lugares de memoria -parafraseando a Nora- como *lugares mixtos, híbridos y mutantes, íntimamente cargados de vida y de muerte, de tiempo y de eternidad*.

Conclusiones

Después del análisis es posible pensar que la particularidad de los casos de Medellín radica principalmente en que no se dedican a reconstruir la memoria traumática de la ciudad -siendo el foco más importante de ella-, sino que su deseo principal está en recuperar la memoria de la comunidad asociada a conocer sus procesos de poblamiento, sus modos de vida, en la búsqueda de la comprensión del sentido de la identidad, de las múltiples representaciones que se tienen sobre el territorio y de los sueños de futuro.

Ambos espacios representan casi que de manera paralela la relación vida/muerte de una manera especial y su trabajo con la comunidad les ha permitido generar y proyectar sentidos de pertenencia y lazos de solidaridad con ellos.

Sus proyectos de memoria hacen parte de sus líneas de trabajo y los ya ejecutados demuestran un sentido amplio de la noción y un especial cuidado y éxito de las metodologías implementadas, a pesar de no contar con amplios acercamientos teóricos al tema. Son lugares de memoria porque interpelan a un testigo que tiene un recuerdo sobre el acontecimiento vivido, pero a su vez son lugares de aprendizaje para quienes no están relacionados desde la experiencia con los hechos, permiten seguir plasmando y movilizand la historia que sigue construyéndose, es una memoria alerta y constante que se construye desde una experiencia sensible y cotidiana con el recuerdo. (Schindel



2002:28).

Estas experiencias reivindican el rol y la importancia de ampliar el espectro de las investigaciones sobre historia reciente, valorar aportes de experiencias de trabajo sobre la memoria que no se reducen a los de las memorias traumáticas de la ciudad, discurso que comienza a tomar mucha fuerza y legitimidad y amenaza con convertirse en un discurso imperante, donde lo que esté por fuera de la dialéctica víctima/victimario no tiene lugar ni es reconocida como memoria.

La lectura y la experiencia concreta con lugares de memoria en países como Chile y Argentina, con un pasado dictatorial en proceso de elaboración, hace que estas reflexiones aparezcan hoy dentro de mis intereses académicos, ya que estas experiencias me hacen pensar en mi ciudad y cómo estos debates de una u otra manera la atraviesan y ella misma los transforma desde sus prácticas particulares.

Finalizo citando a Annegret Ehmann⁴ sobre el pasado “Es una experiencia que sigue estando presente y cada nueva generación tiene que apropiarse a su manera, encontrar sus propias interpretaciones y sacar sus propias conclusiones en función de su presente. Es por esto que la memoria no se manifiesta contemporáneamente a través de signos estáticos sino en el aprendizaje continuo y permanente.”

NOTAS

1 Aleida Assmann (2004) “Das kulturelle Gedächtnis an der Millenniumsschwelle. Krise und Zukunft der Bildung”. Citado por Dolff Bonekämper, Gabi. Topografías del recuerdo. En: Birle, Peter; Carnovale, Vera; Gryglewski, Elke y Schindel, Estela (eds.) (2010). Memorias urbanas en diálogo: Berlín y Buenos Aires. Buenos Aires, Editorial Buenos Libros.

2 Jorge Blandón, director de la Corporación Cultural Nuestra Gente. Fragmento extraído del web site www.nuestragete.com.co

3Extraído de la crónica Cementerio de San Pedro: Un mundo de historias, soledad y animales. En: www.soyperiodista.com



4 Ehmann, pedagoga alemana co-autora del programa “Aprender de la Historia”, del Institut Goethe entre el año 2000 y 2001. Entrevista por Pablo Gianera para la Revista Puentes n°7. Buenos Aires.

Bibliografía

Allier Montaño, Eugenia. (2008) Lugar de memoria: ¿un concepto para el análisis de las luchas memoriales? En: Cuadernos del CLAEH. Vol.II,XXXI, n° 96:87-109

Díaz, Diego (2002) El mapa de la memoria. En: Revista Puentes de la memoria, n° 7:34-39.

Fabri, Silvia. (2010) Reflexionar sobre los lugares de memoria : Los emplazamientos de memoria como marcas territoriales [En línea]. Geograficando, 6(6). Disponible en Memoria Académica: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.4745/pr.4745.pdf

Gonzalez, Horacio. Arte, grito y representación: entre la abstracción universalista y los nombres de la historia. En: Birle, Peter; Carnovale, Vera; Gryglewski, Elke y Schindel, Estela (eds.) (2010), Memorias urbanas en diálogo: Berlín y Buenos Aires. Buenos Aires, Editorial Buenos Libros.

Jelin, E. (2002). *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores / Siglo Veintiuno de Argentina Editores.

Nora, P. (2001) *Lieux du Mémoire*.- t. 1, La République, 2.a ed. rev. y aum., París, Gallimard

Ruiz Tagle, Diana y Toledo, María Isabel. (2009) *Del uso pedagógico de lugares de memoria: visita de estudiantes de educación media al parque por la Paz Villa Grimaldi (Santiago, Chile)* En: Estudios Pedagógicos XXXV, N° 1: 199-220



Schindel, Estela. (2002) *Cómo la historia marca el espacio urbano. Las ciudades y el olvido*. En: Revista Puentes de la Memoria N° 7. Buenos Aires.

_____, *Lugares de Memoria en Buenos Aires. Ennnnnn: Birle, Peter; Carnovale, Vera; Gryglewski, Elke y Schindel, Estela (eds.) (2010), Memorias urbanas en diálogo: Berlín y Buenos Aires.* Buenos Aires, Editorial Buenos Libros.

